

**A RELAÇÃO ENTRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO
SOCIOESPACIAL DE TUPÃ E A PERMANÊNCIA DA
SEGREGAÇÃO**

**THE RELATIONSHIP BETWEEN THE TUPA SOCIOSPACE
FORMATION PROCESS AND THE PERMANENCE OF
SEGREGATION**

**LA RELACIÓN ENTRE EL PROCESO DE FORMACIÓN
SOCIOESPACIO TUPA Y LA PERMANENCIA DE LA
SEGREGACIÓN**

Esther Maria Pacheco

estherpacheco898@gmail.com

Instituto Federal de São Paulo - Campus Tupã

INTRODUÇÃO

O espaço urbano é uma reprodução tanto de ações que se realizam hoje quanto das que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente (CORREA, 1994). Este é classicamente delimitado por um local onde pode haver industrialização em grande escala, em que a desigualdade social é significativa sendo ainda uma área que possui elevado grau de divisão social do trabalho – modo como se organiza o trabalho nas diferentes sociedades ou estruturas socioeconômicas. A desigualdade socioespacial é uma das características centrais do fenômeno da urbanização capitalista que se perpetua a partir da condição permanente da desigualdade social (RODRIGUES, 2007; MARICATO, 2015).

Além disso, há também os agentes que o produzem e contribuem para a intensificação da complexidade existente neste espaço, sendo esses: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; o Estado e os grupos sociais “excluídos” que aqui compreendemos como classe trabalhadora. Certas ações realizadas por estes precedem do acúmulo de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, dos conflitos de classe que dela emergem etc.

Deste modo, entender o processo histórico de formação socioespacial dos lugares e os principais agentes produtores da segregação urbana como o Estado, capital imobiliário-especulativo, contribui para evidenciar aspectos relevantes verificados na contemporaneidade. Portanto, o estudo da geografia histórica de determinado lugar deve

abarcando os elementos que caracterizam sua formação socioespacial como perspectiva necessária para compreensão das desigualdades contemporâneas expressas, por exemplo, na segregação residencial enquanto expressão espacial das classes sociais presentes no espaço urbano (CORREA, 1994).

A divisão do espaço em diferentes usos com determinadas funções sociais e econômicas resulta numa inserção desigual entre as classes sociais, o que promove a constituição do espaço urbano segregado. Assim, em Tupã-SP, verifica-se que o processo histórico de produção do urbano agrupou na cidade as classes sociais de forma desigual. Deste modo, estudar o processo histórico de produção do urbano de Tupã é uma possibilidade de entender como este reuniu na cidade as classes sociais dessa maneira.

METODOLOGIA

A formação socioespacial brasileira contribuiu de forma significativa para a segregação existente no espaço urbano contemporâneo. A desigualdade socioespacial pode ser vista em vários municípios brasileiros e um dos objetivos da pesquisa era verificar como essa realidade é apresentada no município de Tupã-SP. Deste modo, o presente projeto conta com estágios como a revisão bibliográfica, que é fundamental no resgate de informações sobre o espaço urbano, a segregação e o processo histórico da cidade. A análise histórica da produção do espaço urbano do município é de extrema importância, pois ajuda a compreender o porquê este se encontra em seu estado atual e como a segregação se apresenta historicamente na cidade.

A caracterização do espaço urbano de Tupã e sua atual segregação estão sendo verificados por meio de trabalhos de campo e da utilização do aplicativo *Google Maps*, que visam analisar distintos bairros como o Conjunto Habitacional José Maria Gonçalves Gameiro, Jardim UNESP II, Nova Tupã, Parque Universitário II, Vila Inglesa e Freddy Ville. Além disso, o trabalho de campo realizado no Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre e os materiais disponibilizados pela instituição tiveram um papel significativo na recuperação de informações sobre o processo histórico de Tupã e de sua formação socioespacial.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em 1929 dois colonizadores, sendo eles Luiz de Souza Leão e João Ribeiro de Val que atuavam na “Empresa de Melhoramento Alta Paulista” tomaram terras que foram loteadas de acordo com um traçado urbano. A cidade de Tupã foi planejada com ruas e avenidas que possuem etnônimos brasileiros e indígenas como uma forma de homenagem aos que habitavam essa terra. Nota-se que apesar de relembrar os povos e nações indígenas através dos nomes das ruas, desde o processo de ocupação do município houve verdadeiro massacre destes povos.

Os contatos entre não-indígenas e indígenas nessa região não foi muito diferente do que ocorreu no restante do país. A violência e massacre contra os povos indígenas, que marcam a história do Brasil, também teve sua expressão concreta no município de Tupã e na Alta Paulista. É importante destacar ainda que, em meio a estes conflitos, ocorre o denominado processo de “pacificação” pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) em 1912. Os Kaingang resistiram em defesa dos seus territórios, mas renderam-se pelo esgotamento imposto, sobretudo pelas doenças contagiosas para as quais não detinham defesas e acabam sendo alocados em dois Postos Indígenas, hoje Terras Indígenas Icatu e Vanuíre (CURY, 2012).

Assim, o início do processo de ocupação do município de Tupã foi marcado pelos conflitos entre a resistência nos territórios Kaingang e o projeto de colonização centrado na agroexportação do café que terá seu auge no município apenas nas décadas de 1940 e 1950, bem como o declínio a partir da década de 1970 em virtude de condições climáticas e da competição com o café colombiano e dos países africanos (MONTES, et al. 2004).

A formação socioespacial e o histórico de ocupação da cidade são elementos fundamentais para compreender o atual espaço urbano e a segregação presente no mesmo. O trabalho de campo realizado aponta para o entendimento de que a cidade apresenta locais desfavorecidos, onde a ausência do Estado é evidenciada, assim como, há áreas visivelmente planejadas e ainda áreas, onde há a presença de um ensaio de autosegregação.

O Parque Universitário II (Figura 1), por exemplo, é ocupado por aqueles que pertencem às classes mais altas, é um local planejado, com ruas bem espaçadas, iluminação de qualidade, estruturas de moradias bem equipadas e parecidas. A especulação imobiliária - ação do mercado imobiliário que visa a acumulação pela via da renda fundiária - é uma prática evidenciada nesse bairro, já que é possível encontrar ali terrenos que, de certo modo, esperam para serem valorizados (vazios urbanos) e

comercializados no futuro por um valor maior. Além disso, no Parque Universitário há um projeto de expansão, percebe-se que o terreno utilizado para isto já é planejado com intenções explícitas do mercado imobiliário - que é um agente indutor da segregação - já que se tem um “público alvo” para ocupar essas extensões, público este que pertence a uma classe mais alta, além do interesse de agrupar classes parecidas com as que já ocupam o lugar.

Figura 1 – Parque Universitário II



Fonte: Elaborada pelo autor.

No entanto, observa-se que há locais como o Nova Tupã (Figura 2) que é composto em sua maioria pela classe trabalhadora, por casas que não são tão devidamente planejadas e, além disso, se encontra bem afastado do centro da cidade. Toda essa situação é impulsionada pelo mercado imobiliário e o Estado, já que esse conjunto habitacional fica localizado na zona leste¹ da cidade, que é a região onde a população com uma renda familiar baixa está situada e para eles o afastamento dessa classe do centro da cidade é interessante. Além disso, uma vez que o Estado não oferece a assistência necessária para quem vive ali e investe de formas diferentes, de acordo com o local que está sendo beneficiado e as classes que serão favorecidas com este investimento, este se torna mais uma vez um agente que corrobora para a permanência da segregação.

¹ Benini e Martin (2014) constataam que dos 14 conjuntos habitacionais presentes no município até o momento, 13 estão localizados nessa área. Além disso, foi evidenciado neste estudo que 48,07% das famílias que ocupam esse local têm renda familiar de 0 até 3 salários mínimos.

Figura 2 – Nova Tupã



Fonte: Elaborada pelo autor.

Outra área analisada é um local onde se tem um ensaio de condomínio fechado chamado Freddy Ville (Figura 3), que é um exemplo próximo da autosegregação, algo bem recorrente no urbano atualmente, alguns outros estudos como o de Lucília Gaspar (2003) que estuda esse fenômeno na cidade de Lisboa expõe esses espaços como uma tentativa de construção de uma “nova” organização interna da cidade destinada a classe mais alta. Ela é produzida por uma classe média-alta que busca criar um espaço ocupado apenas por aqueles que pertencem a este grupo. A violência presente na cidade é usada como uma explicação para a separação que é promovida pelo desejo dessas classes de encontrar um “semelhante” pelas ruas. Quem ocupa essa área cria um modelo de espaço urbano que eles pensam ser o ideal, com moradias padronizadas, bem estruturadas destinado às pessoas que se encaixam ali, desse modo erguem muros na busca de um local “exemplar” e acabam ignorando o espaço urbano real com diversos problemas

Figura 3 – Freddy Ville



Fonte: Elaborada pelo autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através daquilo que foi estudado neste projeto de Iniciação Científica, fica evidente a relevância de se analisar a formação socioespacial e o processo histórico do urbano, para posteriormente compreender o espaço urbano contemporâneo, uma vez que é por meio de análises como essas que se entende como e o porquê este se encontra em seu estado atual. Na cidade de Tupã, a constituição de um espaço urbano segregado é verificada, já que há bairros que comportam pessoas de classes mais altas, como o Parque Universitário, assim como tem aqueles afastados do centro da cidade (Nova Tupã), que abrigam as pessoas de classe mais baixas. Não obstante, percebe-se ainda a presença de um ensaio de autosegregação (Freddy Ville), local ocupado pela população de classe média-alta, que possui o intuito claro de, se possível, cercar a área e fechá-la no estilo dos condomínios fechados

Foi por meio dessa análise histórica e dos trabalhos de campo, que se concluiu quem são os agentes impulsionadores da segregação na cidade de Tupã, sendo os principais deles o Estado e o mercado imobiliário, com ações como a especulação imobiliária e a falta de investimento em locais mais desfavorecidos e precarizados por parte do próprio Estado que, por sua vez, atua no sentido de segregar ainda mais o espaço urbano como, por exemplo, afastando do centro da cidade as pessoas pertencentes às classes mais baixas.

REFERÊNCIAS

BENINI, S. M.; MARTIN, E. S. **Conjuntos habitacionais de interesse social: Uma forma velada de ratificar o processo de segregação socioespacial.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 3., 2014, São Paulo. Disponível em: <anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/SC/POSTER/SC-HDC-061_BENINI_MARTIN.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2019

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1994.

CURY, Marina Xavier. Museologia, Comunicação Museológica e Narrativa Indígena: a Experiência do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Vol.1, nº1, jan/jul de 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/259974418_Museologia_Comunicacao_Museologica_e_Narrativa_Indigena_a_Experiencia_do_Museu_Historico_e_Pedagogico_In_dia_Vanuïre_1>. Acesso em : 15 jan. 2019

GASPAR, L. B. D. Auto-segregação sócio-espacial em Lisboa. **Revista Portuguesa de Estudos Regionais**, Angra do Heroísmo, v. 1, n. 4, p.75-93. 2003. Trimestral.

MONTES, A. V. et al. **Tupã: Depoimentos de uma Cidade.** Tupã: Gráfica & Editora Multi-Gráfica, 2004.

RODRIGUES, A. M. **Desigualdades socioespaciais: a luta pelo direito à cidade.** Cidades , Presidente Prudente, v. 4, n. 6, p. 73-88, 2007.6